«O SILÊNCIO NÃO EXISTE»

JOÃO RICARDO DE BARROS OLIVEIRA, aka Doctor Sound, é natural de Viana do Castelo mas considera-se um cidadão sem B.I. e um artista sem manual de instruções, fazendo do Mundo o seu palco principal. Pouco conhecido da maioria dos portugueses, João Ricardo já viu os seus trabalhos viajar por cidades como Nova Iorque, Oslo, Berlim, Hannover e Frankfurt, entre muitas outras.

Texto | Pedro Gomes Marques
Imagem | Sara Pinto Rodrigues!

Entre o regresso de Bruxelas e a partida para Lille, João Ricardo recebeu o IN LOCO no seu atelier em Viana do Castelo. Falou da sua atividade artística, que se confunde com a vida.

Apesar da visibilidade que a Guimarães 2012 CEC lhe deu recentemente, o João Ricardo continua a ser mais requisitado no estrangeiro. Pode contar-nos um pouco do seu percurso de vida e de como a sua obra chegou além-fronteiras?

Eu começo pelo som. Sempre tive uma paixão pelo som e, como normalmente digo, sou casado com o som e contra o divórcio sonoro. Eu vivia perto da praia e já então aproveitava todo o material, todo o "lixo", digamos, que aí se encontrava para fazer as minhas pequenas construções e as minhas exposições na praia. Era fantástico porque eu metia sempre um som em tudo o que construía, ou desconstruía. Havia sempre a vertente sonora. Vivi cá em Portugal, fui para outros países e para Berlim onde me senti mais em casa porque em Portugal havia uma claustrofobia e eu sentia mesmo que não me conseguia movimentar neste país. Fui pelas europas, depois estive em Nova Iorque, encontrei vários artistas da dança, do teatro e das artes performativas, sempre em ação direta. A minha paixão é o som e a pesquisa sonora. A minha plataforma é o som.

Isso confirma, de certa a forma, a teoria de que ninguém é bom profeta na sua terra, não?

Eu não vou tanto por aí, comigo é mais o espaço. Eu não tenho bilhete de identidade nem nacionalidade. Para mim o importante é o espaço e criar cumplicidades. É a arte e não o país. É trabalhar no local, o «site specific».

O seu trabalho começou como? Quais são as referências e as influências que maior peso tiveram na sua vida?

Já quando era miúdo eu tinha um fascínio pelas caleiras rotas das ruas, pelos repux-

os, pelos varredores. Para mim o mundo é uma ópera de sons, é a alimentação do som.

As grandes influências são a ação direta, o dia-a-dia, as cumplicidades que crio diariamente com o som, com os objetos e é isso que me faz caminhar nesta plataforma. É a alavanca da transformação, porque eu estou em constante mutação e transformação com os objetos. Essa é a minha fonte de «inspira-som»: a «infiltra-som» diária do contacto da parabólica com o som, com os objetos, e o trabalho na oficina, no laboratório sonoro. As minhas influências são essas, sempre em constante «contradi-som» até chegar ao processo plástico sonoro da escultura sonora.

O João Ricardo define-se como um escultor sonoro. É capaz de nos explicar mais pormenorizadamente o que é na realidade um escultor sonoro?

Escultor sonoro porque trabalho com o som. É som, é forma, é plasticidade. Pego em objetos e esses objetos têm que ter som. Há a parte estética, a parte plástica e a parte sonora. Eu sou uma escultura sonora. Quando estou a construir estou dentro do objeto. Criam-se diálogos, criam-se cumplicidades e o objeto vai-se construindo. Há a construção e a desconstrução do objeto. A escultura sonora é a paisagem sonora, invisível visível.

Vê-se como um inovador, um revolucionário?

Não. Não tenho tempo para me ocupar com isso. Há sim uma reflexão sobre o trabalho: o que é, para onde vou, aquilo que faço e a responsabilidade. Sou um artista responsável mas sem manual de instruções. Procuro olhar para as situações transformá-las.

Essa definição do artista sem manual de instruções não significa que o João Ricardo é uma carta fora do baralho cultural mais mainstream?

Não. Eu procuro sempre que os canais estejam abertos e limpos. Sem manual de instruções é a ação direta, o constante confronto com as situações. Eu sou folha A7 e não me preocupo com a folha A4, com a folha A3, com a folha A2, com a folha A24... Eu vivo na história, estou com a história, ando na história e é esse o meu trabalho. Não me preocupo onde me colocar. É o meu trabalho e portanto mi casa es su casa.

Acha que lhe é dado o devido valor e reconhecimento pela sua obra, particularmente em Portugal, um país normalmente pouco aberto a coisas novas e diferentes?

Para mim o importante é ter lixo, parafusos e um berbequim. Eu não tenho B.I., não tenho nacionalidade. Para mim há o espaço, há janela aberta. Isso é tudo o que necessito.

Que perceção tem relativamente à reação das pessoas aos seus trabalhos?

Tenho encontrado uma boa reação ao meu trabalho: instalações, exposições, intervenções sonoras. Ando a circular um pouco mais por outros países e é fantástico.

Há maior recetividade no estrangeiro do que em Portugal? É isso que quer dizer?

Existem diálogos, tertúlias. Não sei... há mais o contacto da ação direta sobre os trabalhos e isso é muito bom. É ótimo para dar continuidade a todo um trabalho que é desenvolvido há décadas: do lixo ao luxo poético.

Acha que é necessário um certo distanciamento espácio-temporal para que as pessoas entendam melhor aquilo que o João faz?

Não sei. Eu fui ao oftalmologista que me receitou uns óculos de uma certa graduação. Já os tenho há muito tempo e eles estão um pouco riscados. Mas isso é ótimo. Acho que vejo muito bem com estes óculos porque estão riscados, é o som riscado. Estes riscos fazem-me ver noutra perspetiva o perto e o longe. Até mesmo quando estou próximo, numa discussão, é interessante que consigo ver a outra pessoa como uma pauta de música, não sei se será do risco das lentes. Ou seja, se estiver num grupo de três, quatro pessoas é fantástico porque já estou a criar uma partitura. Tenho adiado ir ao oftalmologista obter uma receita para comprar uns novos óculos porque isto é uma experiência fantástica. Há sempre um ou outro risco que vai transformando as conversas. Deixam de ser conversas e passam a ser «com-versos».

> “O meu trabalho é vida ouvida. É trabalho vida, vida trabalho, trabalho vida. Eu mesmo não sei bem quando estou a trabalhar e quando não estou a trabalhar. Não sei diferenciar também porque não estou a ver a diferença..”

Mas não acha que com os novos óculos vai ter uma perceção das coisas completamente nova e diferente da que antes tinha?

Eu vim agora de Bruxelas e de Genk com um projeto intitulado «Cactus Sonorus» e estou mesmo com muita vontade de comprar uns novos óculos para ver a nitidez. É interessante o confronto da nitidez. O confronto destes óculos com riscos e dos outros óculos sem riscos.

Considera que a sua arte é um reflexo da sua vida pessoal ou, pelo contrário, é a sua vida pessoal que se vai adaptando e que vai seguindo a sua arte?

O meu trabalho é vida ouvida. É trabalho vida, vida trabalho, trabalho vida. Eu mesmo não sei bem quando estou a trabalhar e quando não estou a trabalhar. Não sei diferenciar também porque não estou a ver a diferença. O meu trabalho é a «comunica-som», é o comunicar, é o alimentar. Não encontro diferença, está tudo interligado. Não sou workaholico, nem aerolico, mas estou em constante trabalho. Estou sempre a desconstruir o esboço, a caneta, o papel.

O João também se envolve bastante em projectos com crianças.Como se processa esse trabalho?

O meu trabalho é o som, as intervenções sonoras, os concertos, as exposições plástico sonoras em que o público participa e os workshops com crianças. A construção de instrumentos e esculturas sonoras a partir do lixo. Há a parte da construção, da sonorização, da criação de uma partitura e do espetáculo final, que é o parafuso perdido no aspirador. Trabalho com crianças, não é que estas sejam um meio para, mas faço-o porque para a criança não existe a folha A4. Há todo um trabalho que se desenvolve sem manual de instruções. Sempre à procura do som perdido que ainda não encontrei e se espera não encontrar. Temos o caso do «Cactus Sonorus» que são 20 catos e 20 crianças. Vim agora de Bruxelas, de Stavanger e de Lille, onde apresentei esse projeto em que há toda uma busca, toda uma experimentação. São como que ensaios, sempre à volta do som. É muito interessante porque aí se vê que o mundo é uma ópera de sons. O som está em todo o lado. A pele é som, respirar é som, a palavra, o

gesto ou o movimento. O silêncio não existe. É isso que é interessante no meu trabalho. Não sou um pedagogo, não se trata de pedagogia, mas é um caminho onde é interessante trabalhar com crianças mas também com adultos.

Os últimos trabalhos que o João Ricardo realizou em Portugal, a «Vi: Ela Sentada» e a «5ª Sound», decorreram no âmbito da Guimarães 2012 CEC. Como foi estar envolvido nesses projetos e que feedback daí adveio?

O filete do feedback, eu gosto muito de filetes, da «Vi: Ela Sentada» foi muito interessante. Foi uma instalação com oitenta camisas brancas sonorizadas e vinte cadeiras com registos históricos falantes da cidade, tanques comunitários, os cutileiros. Nessa rua criaram-se ambientes de arraial, ambientes de memórias e de testemunhos. Foi ótimo. Criaram-se boas imagens. A «5ª Sound» aconteceu numa horta pedagógica. Foi a criação de um galinheiro onde se deu uma intervenção sonora para pato, galinha e galo com vários objetos, como o piano e a harpa, sempre em constante transformação e sempre ajustando novos objetos e novas sonoridades. Os intervenientes eram os patos, as galinhas e os galos. Houve também a «Chá: Vena», um concerto para pires, galão e chávena com um grupo de crianças da Academia de Guimarães na percussão. Criaram-se ali umas tertúlias, uns sons fantásticos e maravilhosos. Foi muito bom. Essa foi uma residência de cinco meses na CEC. Foi ótimo porque foi um sound pioneer. Mesmo antes desses cinco meses no terreno, estive meio ano a respirar a cidade em termos plástico sonoros até chegar a esses trabalhos.

> "... o mundo é uma ópera de sons. O som está em todo o lado. A pele é som, respirar é som, a palavra, o gesto ou o movimento. O silêncio não existe. É isso que é interessante no meu trabalho."

Em Portugal, a cultura é vulgarmente relegada para 2 °, 3° ou mesmo 4° plano. Gostava de saber como é que olha para essa situação e se consegue viver/sobreviver apenas do seu trabalho como artista.

Eu sempre vivi no rés-do-chão. Gosto muito de viver no rés-do-chão. De vez em quando vou visitar amigos que moram noutros andares. Tenho alguns que também moram no mesmo andar que eu, mas outros que moram no 1º, 2º ou até no 12º andar. Já há muito tempo que não encontro esse amigo do 12º andar. É fantástico porque me divirto imenso, tanto no rés-do-chão como com esses amigos que visito noutros andares. Houve uns tempos em que vivia e trabalhava muito no rés-do-chão e quando visitava esses amigos era interessante porque a perspetiva não é diferente. Não é diferente mas é outra. São sempre ideias e sinto-me bem em todos os andares. Há as escadas, também já utilizei escadas, ou até usei ambos, escada e elevador para chegar ao 12º andar. Interessante. As escadas são ótimas porque se anda e conversa – «com-versos». É ótimo o rés-do-chão, o 7º andar, o 12º andar, é tudo ótimo. Eu estive em Frankfurt há uns tempos e estava num hotel que era enorme, nem sei quantos andares tinha – tinha muitos – estive lá em cima e tinha paisagens ótimas. Mas a história é a mesma – é um todo em que podemos circular entre os vários andares, essa é a capacidade da janela aberta, da vida ouvida, de um trabalho, de estar na ação direta no rés-do-chão, e estar na ação direta no décimo quinto, no nono, no segundo andar, sempre a trabalhar a escultura sonora.

Mas não lhe faz alguma confusão serem sempre as mesmas pessoas em Portugal a conseguir os apartamentos no décimo segundo ou no décimo quinto? Parece que são sempre os mesmos que conseguem os lugares cimeiros...

Eu quando entro num elevador às vezes ando sozinho, ou, noutras situações, ando com outras pessoas. Diferentes tipos de pessoas, umas mais caladas, outras que falam mais, umas mais bem vestidas desta ou daquela maneira. Umas conversando disto, outras daquilo. Até já me aconteceu entrar uma senhora com galinhas e outra com patos. É interessante. Para mim foi fantástico. Galinhas ali no meio. Gente... gente de Wall Street. E subimos. Fiquei umas horas no 6º andar para onde fui e depois, mais tarde, desci. É interessante que quando desci – um acaso - a senhora também voltou a entrar. No quarto andar, entrou outra senhora com um daqueles cãezinhos muito pequeninos, um chiau... chibaué, ou Chihuahua. Entrou e criou-se ali umas cumplicidades, uns diálogos entre a galinha e o pato. Uns movimentos... Quá-quá, quá-quá-quá. Houve ali uma comunicação e uns olhares comprometedores, ou não. Mas foi toda uma viagem e eu a viver aquela linguagem do pato, do chimbauá, chimbaué e como é... Desceu e interessante. O Chihuahua foi à sua vida, o pato e tudo... Criou-se ali uma história engraçada do pato e do chimbaué... Do champizé. São interessantes as histórias que se criam nos elevadores.

InLoco online | veja o vídeo da entrevista a João Ricardo de Barros Oliveira